

MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE HOMOFOBIA NA ESCOLA

Felipe da Costa Negrão¹

Erika da Silva Ramos²

RESUMO:

São crescentes os números de assassinatos correspondentes a atos violentos contra pessoas que apresentam identidade de gênero ou orientação sexual diferente do padrão heteronormativo. Pontua-se que tais comportamentos agressivos e violentos ainda não são considerados criminosos, portanto, desde 2006 pesquisadores de várias áreas têm produzido conhecimento e possibilitado intervenções diretas acerca da homofobia e o respeito à diversidade sexual. Logo, o presente artigo é caracterizado como estado da arte ou estado do conhecimento, uma vez que visou mapear os estudos realizados sobre o tema em questão, com o interesse em organizar sistematicamente o que já foi produzido. Para isso, este classifica-se como estudo bibliométrico, em que se procederam buscas a partir da plataforma Oasisbr, utilizando-se do termo “homofobia na escola”, objetivando reunir dados significativos acerca dos objetos de estudo das dissertações e teses (nacionais e internacionais) nos últimos anos. Assim, foram selecionados 29 trabalhos que haviam sido apresentados e discutidos com base em reflexões teóricas devidamente fundamentadas. Os resultados apontam para a predominância de estudos em programas de pós-graduação da região Sudeste, tendo como ênfase das dissertações e teses os assuntos vinculados aos discursos discriminatórios e à diversidade sexual. O estudo também expõe a formação dos autores, sendo os psicólogos e pedagogos, os profissionais que mais produzem acerca desse tema. Logo, o presente estudo evocou os construtos histórico-científicos que fazem parte dessa trajetória de luta por conquista de espaços e direitos, rumo à liberdade, segurança pessoal e a vida.

Palavras-Chave: Homofobia Escolar. Sexualidade e Gênero. Diversidade.

MAPPING OF SCIENTIFIC PRODUCTION ABOUT HOMOPHOBIA IN SCHOOL

ABSTRACT

There are increasing numbers of murders corresponding to violent acts against people who has gender identity or sexual orientation different from the heteronormative pattern. These violent practices are not yet crimes in Brazil. Since 2006 researchers from various areas are researching on homophobia and sexual diversity. The present paper is characterized as a state of art or state of knowledge, since it aimed to map the studies carried out on the topic in question, with the interest in organizing systematically the indexed productions on the site "Oasisbr", using the term "homophobia in school", aiming to gather significant data about the term in dissertations and theses (national and international) in recent years. Thus, 29 papers that had been presented and discussed on the basis of duly substantiated theoretical reflections, were selected. The results are successful for the predominance of studies in post-graduate programs in the Southeast region, focusing on dissertations and theses related to discriminatory discourses and sexual diversity. The study also exposes who formation of the authors, being the psychologists and pedagogues, the professionals who produce more on the subject. Therefore, the present study evoked the historical-scientific constructs that are part of the trajectory of struggle for the conquest of spaces and rights, towards freedom, personal security and life.

¹ Especialista em Neuropsicopedagogia e Didática do Ensino Superior. Professor da Universidade Nilton Lins. E-mail: felipe.unl@hotmail.com

² Psicóloga. Especialista em Psicomotricidade e Neuropsicologia. Mestre em Educação Especial. E-mail: profa.erika.ramos@gmail.com

Keywords: School Homophobia. Sexuality and Gender. Diversity.

Introdução

O reconhecimento da diversidade perpassa um irrenunciável compromisso de ordem ética, tendo em vista que, enquanto sociedade, somos impelidos a buscar formas de reconhecê-la como um fator de enriquecimento e desestabilização das relações de poder (Junqueira, 2008). Nesse viés, pensar em estudos que evocam esta temática nos dias atuais é fazer com que se pense em direitos humanos, sociedade e gênero.

A temática torna-se fundamental, uma vez que o Amazonas assume a segunda posição no *ranking* que aponta os estados mais homofóbicos do Brasil, tendo a cidade de Manaus, como a capital com o maior número de assassinatos de LGBT's em 2015, segundo relatório expedido pelo Grupo Gay da Bahia³ (GGB).

Os números de assassinatos tendem a crescer ano após ano, tendo em vista que os atos violentos contra pessoas que apresentam identidade de gênero ou orientação sexual diferente do padrão binário estabelecido pela sociedade ainda não são considerados criminosos. Sendo assim, é importante que a escola assuma papel social e trabalhe com as questões de gênero e sexualidade, mesmo ainda como tema transversal, a fim de diminuir os ataques homofóbicos em campo educacional.

Segundo a Anistia Internacional, nos Estados Unidos, estudantes LGBT recebem, em média, 26 insultos por dia, 80% sofrem “grave isolamento social”, 53% ouvem comentários homofóbicos por parte de professores e da administração, 28% deixam a escola antes de obter o diploma (enquanto a evasão entre estudantes heterossexuais é de 11%), 19% são vítimas de agressão física na escola. Em 97% dos casos, não se registram intervenções por parte do corpo docente e, em 40 estados, professores/as podem ser demitidos/as em função de serem LGBT (Ray, 2006).

No Brasil não é diferente, embora os projetos de leis que defendem o ensino de gênero nas escolas não sejam aprovados, o Ministério de Educação (MEC) vem planejando formações⁴ acerca dos direitos humanos, na tentativa de auxiliar professores para adquirirem e/ou treinarem habilidades e intervirem em assuntos, tais como: diversidade sexual, questões de gênero, bullying e racismo.

Diante dessas problemáticas, propõe-se um estudo das produções científicas em nível *stricto sensu* sobre homofobia na escola, a fim de mapear os registros acadêmicos

³ Consulte o relatório através do site <https://grupogaydabahia.com.br/2016/01/28/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2015/>

⁴ Veja mais sobre o curso em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/11/Curso-de-formacao-em-direitos-humanos-para-professores-sera-lancado-em-2017>

que têm sido produzidos nos últimos anos por pesquisadores da área. Contudo, antes de apresentar os resultados bibliométricos acerca do tema pesquisado, acredita-se ser importante a conceitualização do que se entende por homofobia, tomando como base os autores que compõe esta área de estudo.

Almeida (2015) afirma que a homofobia é um termo utilizado no intuito de definir e caracterizar qualquer tipo de ojeriza ou discriminação aos indivíduos homossexuais, referindo-se ainda como valores, mecanismos de exclusão, relações de poder, sistemas de crenças e padrões indenitários estigmatizados.

Sendo assim, a homofobia aparece em todas as vezes que uma atitude discriminatória incita exclusões, restrições, distinções, prejudicando o reconhecimento, ou o exercício dos direitos humanos de forma igualitária nos campos educacionais, econômicos, sociais e culturais, resultantes do preconceito perante estilos de vida dissociados aos padrões heterossexistas (Rios, 2009).

Partindo do princípio que, após a família, a escola é (ou deveria ser) o seio onde o ser humano, enquanto “ser educável”, aprende sobre valores (filosóficos-existenciais, sociais, políticos, econômicos, técnicos e pessoais), e sobre tolerância diante das diferenças interpessoais. Infere-se que tratar dessas temáticas nesse local é essencial, levando em consideração o que pontua Junqueira (2009) quando destaca que os alunos classificados como sujeitos da homossexualidade necessitam de força para lidarem com os processos discriminatórios que sofrem na escola, tanto pelos colegas de sala, quanto pelos profissionais da instituição de ensino.

A homofobia nas escolas: afeta o bem estar subjetivo; incide no padrão das relações sociais entre estudantes e destes/as com os/as profissionais da educação; afeita as expectativas quanto ao “sucesso” e ao rendimento escolar; produz intimidação, insegurança, estigmatização, segregação e isolamento; gera desinteresse pela escola; produz distorção idade-série e evasão; prejudica o processo de inserção no mercado de trabalho; enseja uma invisibilidade e uma visibilidade distorcida; conduz à maior vulnerabilidade; tumultua o processo de configuração identitária e a construção da autoestima; influencia a vida socioafetiva; dificulta a integração das famílias homoparentais na comunidade escolar (Junqueira, 2008, p. 10).

Sendo assim, Almeida (2015, p. 51) reforça que “o papel da escola na prevenção e combate ao problema, assim como a postura adotada frente às situações de violência, também tem suas implicações”. No caso de programas internos de combate à homofobia, a escola assume papel de protagonista na discussão, todavia, corre o risco de não ser compreendida por uma parcela de pais que não aceitam o debate desta temática nas salas

de aulas. Em caso de omissão, a instituição também pode sofrer penalizações em nível de direitos humanos, ou ainda de ser alvo da mídia.

Ressalta-se, pois, que os programas de prevenção podem ser trabalhados como temas transversais, amparados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), que enfatizam a educação sexual. De tal modo, destaca-se um trecho desse documento, que se refere ao tema “orientação sexual” ser discutido na escola.

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela (Brasil, 1998, p. 292).

Sendo assim, a escola, querendo ou não, exerce um papel nos conceitos formulados pelas crianças e adolescentes a respeito da sexualidade e suas vertentes, de maneira que os currículos precisam abarcar tais assuntos de forma sistemática, flexível e humanizada, a fim de apresentar material concreto e correto, no que tange o respeito à diversidade e os direitos humanos. A exequibilidade desse papel instrucional, sobre olhar os prismas da sexualidade, fomentaria uma possível dialética em torno de seus fenômenos, não causando mais resistências entre funcionários, discentes, docentes, pais de alunos e até a comunidade em torno da área escolar que vivencia tal situação.

Em síntese, as discussões de sexualidade na escola devem perpassar os atos sexuais, funções do corpo, métodos contraceptivos e prevenção de doenças. Falar de sexualidade implica discutir as relações de poder que as transcende. De modo que deixa de ser um assunto pessoal e privado, passando a ser um produto histórico social e político.

Metodologia

A pesquisa configura-se como “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, tendo em vista que o objetivo deste artigo é mapear e discutir as produções científicas no campo de “Educação e Sexualidade”, dando ênfase aos estudos referentes à homofobia em âmbito escolar.

Pontua-se que este tipo de pesquisa é de caráter bibliográfico, sendo possível realizar a descrição da produção acadêmica e científica sobre determinado tema, a partir de categorias e facetas específicas do campo analisado (Ferreira, 2002).

A escolha por esse tipo de pesquisa justifica-se pela necessidade de conhecer os caminhos já trilhados por outros pesquisadores, a fim de identificar o “vazio literário”, que corresponde às lacunas que ainda não foram investigadas ou pouco estudadas. Nesse sentido, Ferreira (2002, p. 259) corrobora ao afirmar que

sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade, todos esses pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de *levantamento* e de *avaliação do conhecimento* sobre determinado tema. (itálico nosso).

Para a coleta de dados deste texto, optou-se pela plataforma de dados *Oasisbr*⁵ do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que consiste em uma base de pesquisa multidisciplinar, que permite o acesso gratuito de produções científicas.

Utilizou-se “homofobia na escola” para busca no campo de pesquisa da plataforma, filtrando os resultados para que fossem oriundos de dissertações e/ou teses no sistema *open access* (acesso aberto/livre). Ressalta-se que não houve delimitação de período de tempo, em virtude das poucas pesquisas nesta área.

Obteve-se o resultado de 48 registros indexados a plataforma, entretanto, apenas 37 arquivos seguiram para análise. O número foi reduzido em virtude de conter pesquisas inacessíveis e duplicadas. Embora o descritor “homofobia na escola” aparente ser bem específico, ainda assim algumas pesquisas foram tabuladas, analisadas e excluídas deste texto, tendo em vista a ênfase do estudo não ser no âmbito educacional, conforme a ideia originária.

A última etapa do processo consistiu na leitura dos resumos das dissertações e teses, a fim de selecionar aquelas que corresponderam às reais necessidades desta investigação. Para tanto, foram selecionados 29 trabalhos que serão apresentados e discutidos sob a luz das teorias que fundamentam essa área.

⁵ Acesse a plataforma em <http://oasisbr.ibict.br/>

Resultados e Discussão

O quadro 01 apresenta as pesquisas analisadas por meio dos indicadores: programa de pós-graduação, formação do autor, região, ano, tipo de pesquisa, instrumentos de coleta de dados, ênfase do estudo e público-alvo.

| TÍTULO DA PESQUISA | AUTORIA | INSTITUIÇÃO/UF DXS AUTORXS |
|---|---------------------|-------------------------------|
| HOMOFOBIA NA ESCOLA: CONSIDERAÇÕES DA PSICOLOGIA | ALMEIDA | UNIFOR |
| HOMOFOBIA NA ESCOLA: ANÁLISE DO LIVRO DE OCORRÊNCIA ESCOLAR | BRAGA | UNESP |
| HETERONORMATIVIDADE E HOMOFOBIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA | BARREIRA | UNIFOR |
| DIVERSIDADE SEXUAL E HOMOFOBIA NA ESCOLA: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE EDUCADORE/AS DA EDUCAÇÃO BÁSICA | SOUZA | UFS |
| O KIT ANTI-HOMOFOBIA E OS DISCURSOS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL | PAMPLONA | UFSCAR |
| DA POLÍTICA EDUCACIONAL À POLÍTICA DA ESCOLA: OS SILÊNCIOS E SUSSURROS DA DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA PÚBLICA | ROCHA | UNESP |
| PERCEPÇÕES DE PROFESSORE/AS SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E HOMOFOBIA: PENSANDO A FORMAÇÃO CONTINUADA A PARTIR DE RELATOS DA PRÁTICA DOCENTE | RIZZATO | USP |
| “EU JÁ BEJEI UM MENINO E NÃO GOSTEL, AÍ BEJEI UMA MENINA E ME SENTI BEM”: UM ESTUDO DAS NARRATIVAS DE ADOLESCENTES SOBRE HOMOFOBIA, DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO | LONGARA Y | FURG |
| DEIXEM QUE DIGAM, QUE PENSEM, QUE FALEM: A HOMOFOBIA NA VISÃO DOS FORMANDOS DE LICENCIATURA DA UFRPE | TAVARES | UFRPE |
| A AVANÇOS E LIMITES DA POLÍTICA DE COMBATE À HOMOFOBIA: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DAS AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO PROGRAMA BRASIL SEM HOMOFOBIA | ROSSI | UFRGS |
| ASPECTOS AFETIVOS E COGNITIVOS DA HOMOFOBIA NO CONTEXTO BRASILEIRA - UM ESTUDO PSICOFISIOLÓGICO | LASAITIS | UFSP |
| AS ROSAS POR TRÁS DOS ESPINHOS: DISCURSOS E SENTIDOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM FACE DO DEBATE DA HOMOFOBIA | FREITAS FILHO | UFP |
| SILÊNCIO E INVISIBILIDADE: A ATITUDE DISCRIMINATÓRIA DE PROFESSORES DIANTE DA HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA | MARSIGLIA | UNINOVE |
| A ESCOLA EM CENA: JOGOS DRAMÁTICOS NAS AULAS DE TEATRO | GALIZA | UNISINOS |
| BULLYING: UMA DAS FACES DO PRECONCEITO HOMOFÓBICO ENTRE JOVENS NO CONTEXTO ESCOLAR | SOUZA | UFS |
| CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: EDUCAR MENINAS E MENINOS PARA ALÉM DA HOMOFOBIA | SANTOS | UFSC |
| DIREITOS HUMANOS, EDUCAÇÃO E CIDADANIA LGBT: UMA ANÁLISE DAS AÇÕES DO PROGRAMA BRASIL SEM HOMOFOBIA EM JOÃO PESSOA/PB | GOMES | UFP |
| DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: UM "PROBLEMA" POSTO A MESA | JOCA | UFC |
| ESPAÇO ESCOLAR, HOMOSSEXUALIDADE E PRÁTICA DISCURSIVA DOCENTE EM PONTA GROSSA, PARANÁ | CARBONAR DOS SANTOS | UEPG |
| DISCURSOS DOCENTES SOBRE CRIANÇAS CUJOS PAIS/MÃES VIVEM EM CONDIÇÃO DE CONJUGALIDADE HOMOAfetiva | OLIVEIRA | UFP |
| A (DES) CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DO CORPO HOMOSSEXUAL MASCULINO: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRIA DA DESNATURALIZAÇÃO DOS DISPOSITIVOS DE PODER | ARAÚJO | UPM |
| PELO SENTIDO DA VISTA: UM OLHAR GAY NA ESCOLA | SILVA | UFP |
| POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO E VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS LÉSBICAS NA ESCOLA: NOTAS SOBRE A CIDADE DE VITÓRIA | MEIRELES | UFES |
| A DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS | QUARTIERO | UFRGS |
| A DIVERSIDADE ENTRA NA ESCOLA: HISTÓRIAS DE PROFESSORES E PROFESSORAS QUE TRANSITAM PELAS FRONTEIRAS DAS SEXUALIDADES E DO GÊNERO | FRANCO | UFU |
| OS DISCURSOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NAS ESCOLAS ESTADUAIS DA REGIÃO DE MOGI DAS CRUZES (SP) | SANTOS | UFABC |
| REPRESENTAÇÃO DE HOMOSSEXUAIS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DISTRIBUÍDOS PELO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO - PNLD (2005-2011) | SILVA | UFS |
| AS RELAÇÕES DE GÊNERO E OS DESAFIOS DO ENFRENTAMENTO DO BULLYING ESCOLAR | GARCIA | UCG |
| HABITUS DE GÊNERO E EXPERIÊNCIA ESCOLAR: JOVENS GAYS NO ENSINO MÉDIO EM SÃO PAULO | NETO | USP |

Quadro 01 – Pesquisas com a temática “Homofobia na Escola” Fonte: Oasis BR (Domínio Público)

Ressalta-se que o critério de exclusão utilizado foi à temática do estudo. Naqueles manuscritos que foram indexados, as palavras-chaves, porém, não se referiam à homofobia em ambiente escolar, portanto, foram descartados para análise bibliométrica.

De acordo com Braga (2014, p. 156) “a homofobia no espaço escolar gera violência para todos os envolvidos. Para os alunos que são ridicularizados, apelidados e ameaçados, bem como, para os agressores que podem ter a resposta para a sua agressão também de forma violenta”. Logo, é importante o desenvolvimento de estudos e de pesquisas que tenham como “palco” a escola, para que tal debate seja ampliado e seja possível vislumbrar mudanças significativas nesse espaço.

Nesse sentido, é responsabilidade de quem forma também preocupar-se com as questões emergentes da sociedade, de modo que os currículos de graduação não podem ser engessados em um modelo utópico e distante da realidade socioeducacional atual. Além disso, pensar nessas reflexões é incitar uma formação acadêmica mais humanizada, ancorada em princípios de igualdade, equidade e empatia.

O quadro 02 divulga a quantidade de pesquisas por Programas de Pós-Graduação. Sendo os PPG em educação os que mais produzem estudos na área em nível de mestrado e doutorado, porém, é interessante ressaltar a existência de investigações em outras áreas, caracterizando a temática como emergente e que se enquadra em outros campos de ensino, possibilitando visualizar as consequências da prática da homofobia sob vários olhares.

| PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO | QUANTIDADE DE PESQUISAS |
|--|-------------------------|
| EDUCAÇÃO | 16 |
| EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS | 1 |
| EDUCAÇÃO FÍSICA | 1 |
| EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA | 1 |
| ENSINO, HISTÓRIA E FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS E MATEMÁTICA | 1 |
| GESTÃO DO TERRITÓRIO | 1 |
| POLÍTICA SOCIAL | 1 |
| PSICOBIOLOGIA | 1 |
| PSICOLOGIA | 2 |
| PSICOLOGIA SOCIAL | 3 |
| SERVIÇO SOCIAL | 1 |
| TOTAL | 29 |

Quadro 02 – Programas de Pós-Graduação / Fonte: Os autores (2016)

Caetano (2011) atesta que para muitos profissionais a sexualidade não é tema escolar, contudo, para esse mesmo autor o espaço educacional é lugar de diversos saberes

e práticas que se integram à sexualidade, visto que a instituição, por ter caráter histórico de normatizações, também é responsável pela manutenção que envolve gênero e sexualidade. Logo, reforça-se a contribuição das diversas áreas para a ampliação dos estudos de gênero, a fim de erradicar as práticas homofóbicas que persistem na escola, local que deveria imperar o respeito à diversidade.

Aponta-se que os conceitos de sexualidade são diversos e complexos, portanto, optou-se em trazê-los para discussão, a fim de clarificar o entendimento conceitual.

Silva (2010, p.10) inicia as discussões, ao apontar que:

A sexualidade não é determinada biologicamente ou dada pela natureza, assim como no campo do desejo e das experiências afetivo-sexuais, não encontramos sempre conexão entre ser feminino/a e gostar de homens e masculino/a e gostar de mulheres. Portanto, tal conexão não é algo necessário, mas traduz uma expectativa social de como deve ser e de como deve agir uma mulher ou um homem. Portanto, a sexualidade é decorrente de um processo de aprendizagem, sendo um termo abstrato usado para falar dos atributos, qualidades e capacidades que associamos aos desejos e prazeres sexuais. Longe de ser algo simples, a sexualidade envolve coisas muito distintas. Na sua experimentação está à atração erótica, a percepção de si, todos sentimentos, os relacionamentos afetivos e as representações. A sexualidade põe em relação aspectos biológicos, psicológicos, sociais e históricos. Por isso, não se pode falar em um único desses aspectos como determinante da sexualidade de alguém.

Louro (1999, p. 4), trazendo a concepção de sexualidade como “dispositivo histórico” apontado por Foucault (1988), garante que a mesma “é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades”.

Para Chauí (1991, p. 15) “a sexualidade não se confunde com um instinto. Nem com um objeto (parceiro), nem com um objetivo (unir dois órgãos genitais no coito). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo”.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) (2001, p.8) define que:

a sexualidade é uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.

Já Costa (1941, p. 02) problematiza que:

A sexualidade é o aspecto mais conflituoso, controverso e desconhecido do ser humano. A nossa cultura lida mal com esse importante aspecto da vida e para agravar, cria modelos estanques nos quais pretende encaixar e classificar as pessoas. Esses males, muitos dos quais baseados apenas no preconceito e na falta de informação, não nos permite que sejamos exatamente aquilo que somos ou que poderíamos ser. A dimensão total do ser humano tem três abordagens básicas que são a biológica, a psicológica e a social.

Nesse mesmo sentido, Amor Pan (2003, p. 143) complementa que “[...] é uma estrutura configuradora da existência humana que afeta, portanto, a pessoa na sua totalidade”. Dessa forma, é importante desmitificar a ideia de que falar de sexualidade é errado, ou deve ser feito em determinados lugares. Tais crenças só dificultam o processo de autoconhecimento do ser humano, de modo geral, uma vez que se limita ao que é aceito pela sociedade, impondo barreiras para o descobrimento de outras possibilidades, acarretando em uma geração de adultos que teme os próprios desejos.

O resultado ilustrado pela figura 01 foi extraído a partir do currículo da *Plataforma Lattes* dos autores das dissertações/teses, visto que se considera relevante apresentar a formação dos mesmos que tem escrito acerca da homofobia na escola, e conforme os dados pesquisados há uma singela predominância entre os psicólogos, seguidos dos pedagogos. Pontua-se, pois, a presença de inúmeros profissionais que levantam questionamentos dentro de suas áreas de atuação, a fim de problematizar as práticas homofóbicas a nível *stricto sensu*.

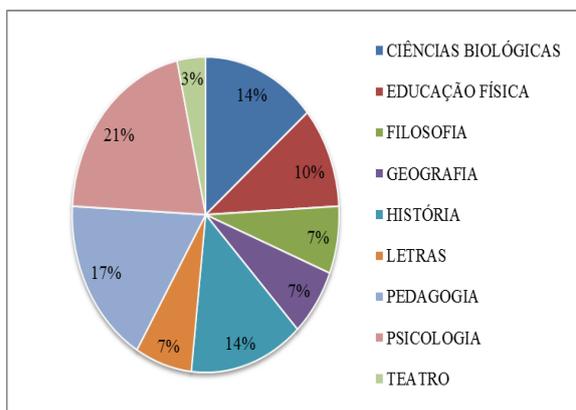


Figura 01 – Formação dos Autores
Fonte: Os autores

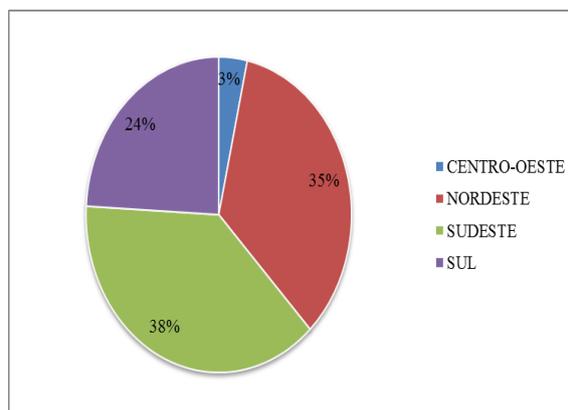


Figura 02 – Pesquisas por Região
Fonte: Os autores

Na visão de Silva e Barreto (2012), a psicologia pode atuar na desconstrução de mecanismos homofóbicos, por meio de discussões acerca do papel exercido pela sociedade na construção de discursos e práticas homofóbicas, bem como na vigilância

sobre a sexualidade dos estudantes, tendo em vista a predominância de uma política da não aceitação da diversidade sexual.

Almeida (2015, p. 87) corrobora ao afirmar que

a Psicologia deve colocar sua atuação em favor da vida, da cultura e da melhoria das condições de trabalho dos indivíduos, no que diz respeito ao enfrentamento das adversidades e às tentativas de se colocar em análise coletiva o que é produzido no cotidiano escolar.

A figura 02 ilustra a quantidade de pesquisas por região, tendo predominância de estudos no Sudeste do Brasil. Pontua-se que o Norte do país não aparece no gráfico, tendo em vista que não foi tabulado nenhum trabalho referente ao termo pesquisado. Logo, considera-se relevante apontar a necessidade do desenvolvimento de estudos acerca dessa temática, a fim de propagar a temática, objetivando o respeito à diversidade em todo país.

Conforme Lionço e Diniz (2009, p. 12)

a promoção da igualdade como princípio ético para uma sociedade justa deve primar pelo reconhecimento e respeito à diversidade de valores e comportamentos relativos à sexualidade em suas diferentes formas de expressão. Essa diversidade sexual, no entanto, precisa ser afirmada nos termos de uma ética democrática, não sendo conivente com atos abusivos e de opressão, que qualificam práticas sexuais.

O quadro 03 aponta que as pesquisas vinculadas ao objeto de estudo deste artigo tiveram seu ápice em 2009 e 2015. Pontua-se também que a maioria dos estudos apresenta abordagem qualitativa, sendo apenas dois quali-quantitativos.

| ANO DE PUBLICAÇÃO | QUANTIDADE DE PESQUISAS |
|--------------------------|--------------------------------|
| 2006 | 2 |
| 2008 | 3 |
| 2009 | 5 |
| 2010 | 2 |
| 2011 | 2 |
| 2012 | 3 |
| 2013 | 3 |
| 2014 | 2 |
| 2015 | 5 |
| 2016 | 2 |
| TOTAL | 29 |

Quadro 03 – Ano de Publicação / Fonte: Os autores

O quadro 04 apresenta a ênfase atribuída pelas pesquisas analisadas neste trabalho. Percebe-se que estudos sobre a diversidade sexual, de modo geral, ganham destaque pelos pesquisadores, seguido por trabalhos enfatizando os discursos discriminatórios, em que as pesquisas tinham o objetivo de intervir na realidade educacional. Pontua-se que os instrumentos de coleta de dados utilizados pelos autores das dissertações e teses, foram: análise de documentos, análise do livro didático, entrevistas, questionários, grupos focais, videografias e jogos dramáticos.

É possível visualizar também a presença de estudos acerca do *bullying* escolar, atrelado à violência de gênero. As pesquisas reforçam a importância de esse assunto ser debatido em sala de aula.

Louro (1997, p.81) afirma que “a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se despir”. Sendo que, a escola vem enfatizando apenas saberes acerca dos órgãos reprodutivos de meninos e meninas, bem como a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (Louro, 1997), se esquivando de debates sobre gênero e sexualidade, reforçando muitas vezes padrões discriminatórios e homofóbicos.

| ÊNFASE DO ESTUDO | QUANTIDADE DE PESQUISAS |
|-------------------------------|--------------------------------|
| BULLYING E VIOLÊNCIA | 3 |
| DISCURSOS DISCRIMINATÓRIOS | 6 |
| DIVERSIDADE SEXUAL | 8 |
| ESTUDOS DE GÊNERO | 1 |
| FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS | 1 |
| FORMAÇÃO DE PROFESSORES | 1 |
| PADRÕES HETERONORMATIVOS | 3 |
| POLÍTICAS PÚBLICAS | 2 |
| PROGRAMA BRASIL SEM HOMOFOBIA | 2 |
| RELAÇÕES DE PODER (MÍDIA) | 1 |
| TEORIA QUEER | 1 |
| TOTAL | 29 |

Quadro 04 – Ênfase do Estudo / *Fonte: Os autores*

A figura 03 representa os sujeitos das pesquisas analisadas, tendo professores da educação básica como os mais contribuintes para o avanço científico nessa área, de modo que esses são agentes de transformação, sendo figuras importantes para a emancipação social e, ainda, responsáveis por reverberar conceitos e ideais de uma sociedade igualitária e que respeita a diversidade. Tendo em vista que a escola é um espaço onde as diferenças são vistas como problema (Louro, 1997).

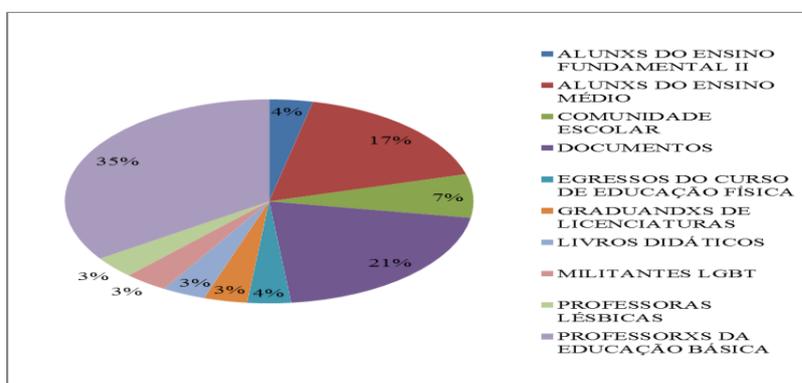


Figura 03 – Sujeitos da Pesquisa

Fonte: Os autores

Logo, com base no exposto, é possível identificar que os pesquisadores da área visualizam as mudanças substanciais no âmbito escolar, por meio da intervenção de professoras e professores que conduzem o ensino.

As pesquisas também focalizaram em documentos legais, tendo o “Brasil sem homofobia”, como um dos mais citados. Os trabalhos elucidam as discussões acerca dos percalços e avanços da legislação que pretende a diminuição de ataques homofóbicos no país, apresentando o trajeto histórico-político que perdurou por anos e, ainda, os entraves para sua aprovação e envio às escolas. Convém destacar que documentos são essenciais para que o caminho contra a homofobia seja trilhado com organização e sistemática.

Os estudos com ênfase em alunos do Ensino Médio priorizavam os discursos discriminatórios, que consistem em xingamentos e retaliações públicas contra pessoas homossexuais.

De acordo com Eribon (2008) é comum na rotina de uma pessoa LGBT escutar uma vez na vida um insulto homofóbico. O autor ainda é enfático ao dizer que, muitas vezes, é a partir de uma injúria, de um xingamento (“bichinha”, “sapatão”) que o sujeito experiência pela primeira vez a sua diferença, seu desalinhamento em relação ao padrão heteronormativo proposto pela sociedade. Posto isto, viu-se que, todas as pesquisas reforçam a necessidade de diálogo e do conhecimento sobre a diversidade sexual, por parte de todos os envolvidos na comunidade escolar.

O termo diversidade sexual está sendo utilizado de uma maneira ampla tanto na área das políticas públicas como dos movimentos sociais e da educação. Sua utilização como um termo dado tende a colocá-lo como um conceito naturalizado, constituindo um lugar, um campo e constituindo sujeitos que o possam habitar. Nos é necessário refletir sua constituição e os embates, por vezes bastante acirrados, que determinaram e determinam seu significado e os discursos e saberes que daí decorrem (Ávila, 2003, p. 26).

Acredita-se que os ainda escassos estudos acerca da homofobia na escola contribuam para a luta da igualdade de gênero e o respeito à diversidade no Brasil. Na visão de Mouffe (2001, p. 23), tal luta deve proceder a um amplo projeto na centralidade da sociedade democrática, “levando-se em consideração a multiplicidade das relações sociais que envolvem desigualdades, as quais devem ser combatidas”, de modo que a educação receba a responsabilidade de ter protagonismo nesse projeto.

Considerações Finais

As pesquisas sobre homofobia na escola contribuem para o conhecimento acerca de sua dinâmica, no que tange à produção e à reprodução dos estigmas sociais homofóbicos, bem como o efeito que causam na vida daqueles que a sofrem, de modo que, com o estado da arte, foi possível identificar o caminho já percorrido pelos pesquisadores, no intuito de encontrar “lacunas” e “vazios literários”, para então produzir novas investigações.

Sendo assim, o presente estudo evocou os construtos históricos e científicos que fazem parte dessa trajetória de luta por conquista de espaços e direitos, rumo à emancipação social, em que não mais serão necessárias pesquisas e investigações nesse campo, uma vez que o discurso de diversidade será perpetuado, tendo a garantia de vida, liberdade e segurança pessoal, previstos pela Constituição Federal.

Referências

- Almeida, H. R. A. (2015). *Homofobia na Escola: Considerações da Psicologia*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza.
- Amor Pan, J. R. (2003). *Afetividade e sexualidade na pessoa portadora de deficiência mental*. São Paulo: Loyola.
- Ávila, M. B. (2003). Sexualidades e política na perspectiva feminista. In R. Parker & S. Corrêa (Orgs.), *Sexualidade e política na América Latina*. Rio de Janeiro: ABIA.
- Braga, K. D. S. (2014). *Homofobia na Escola: análise do livro de ocorrência escolar*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- Brasil. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MECSEF.
- Caetano, M. R. V. (2011). *Gênero e sexualidade: um encontro político com as epistemologias da vida e os movimentos curriculares*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Chauí, M. (1991). *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense.
- Costa, R. P. da. (1994). *Os Onze Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo: Gente.
- Eribon, D. (2008). *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Ferreira, N. S. de A. (2002, agosto/dezembro). As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. *Educação & Sociedade*, 79(1), 257-272.
- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Junqueira, R. D. (2009). Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de tod@s. In: Ribeiro, P. R. C. &

Quadrado, R. P. (Orgs.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande: FURG.

Junqueira, R. D. (2008). Homofobia nas escolas: Um problema de todos. In: Junqueira, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.

Lionço, T. & Diniz, D. (2009). *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Editora UnB.

López, S. F. (2009). *Homossexualidade e família: novas estruturas*. Porto Alegre: Artmed.

Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

Louro, G. L. (Org.). (1999). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

Mouffe, C. (2001). Globalização e Cidadania Democrática. *Revista da Faculdade de Direito da UFPR*, 36 (1).

O.M.S. (2001) *Relatório Mundial da Saúde - Saúde Mental: Nova concepção, Nova Esperança*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde.

Ray, N. (2006). *An epidemic of homelessness*. Washington: National Gay and Lesbian Task Force Institute, National Coalition for the Homeless.

Rios, R. R. (2009). Homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: Junqueira, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.

Silva, J. P., & Barreto, N. S. (2012, julho/dezembro). Violência escolar: problematizando a relação entre o bullying e a homofobia. *Revista Fórum Identidades*, julho/dezembro, Itabaiana, 6(12).

Silva, F. F. & Magalhães, J. C. (2008). Descolad@s, divertid@s, atrevid@s e diferentes: Discutindo representações de gênero. In: Ribeiro, P. R. C. & Quadrado, R. P. (Orgs). *Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande: FURG.